

Alaíde Costa canta
pérolas de Dalva
de Oliveira no Rival

PÁGINA 2



Documentário
celebra a trajetória
de Cacá Diegues

PÁGINA 10



Um roteiro
saboroso para
mimar a mamãe

PÁGINA 15



2º CADERNO

EDIÇÃO DE FIM DE SEMANA

A inquietude em voz e violão

Divulgação

Lobão leva ao BlueNote Rio a nova versão de seu ‘Lual Indoor’ em que apresenta versões de seus sucessos em formato acústico

Por Affonso Nunes

Inquieto por natureza, Lobão nunca se acomodou nas fórmulas que o consagraram. Depois da energia crua do “Lobão Power Trio”, o artista retorna aos palcos com um formato mais introspectivo e acolhedor: o show “Luau Indoor”, que chega em nova temporada em 2025. Só com voz e violão, ele costura nesta sexta-feira (9), às 20h e às 22h30, no Blue Note Rio, músicas e memórias num espetáculo que é, ao mesmo tempo, confissão, celebração e inventário artístico. E, ao que tudo indica, o artista deverá voltar à casa de shows de Copacabana em breve, já que os ingressos para esta noite se esgotaram rapidamente.

Mais do que interpretar seus sucessos, Lobão se dedica a revelar o que pulsa por trás de cada canção. Compartilha histórias, bastido-

res e sentimentos que atravessam sua trajetória, em um roteiro que alterna emoção, crítica e humor — marcas registradas de sua personalidade criativa. “Luau Indoor” propõe um encontro íntimo com o público, longe dos holofotes do rock elétrico e mais próximo das nuances do artista e de sua obra exatamente como é criada.

Canções como “Me Chama”, “Vida Bandida”, “Rádio Blá” e “Canos Silenciosos” reaparecem com nova intensidade, carregadas de contexto e significado. O repertório funciona como fio condutor de uma narrativa maior: a de um músico que atravessou gerações sem abrir mão da autenticidade.

No palco, o formato minimalista — apenas voz e violão — potencializa a experiência. Cada acorde e cada verso ganham peso específico, criando uma atmosfera de cumplicidade com a plateia. Lobão se mostra como é: provocador, sensível, contador de histórias e, sobretudo, artista em estado bruto.

Com mais de 40 anos de carreira, o cantor, compositor, multi-instrumentista e escritor permanece atento aos movimentos do mundo e disposto a se reinventar. Do rock independente à literatura, sua inquietação o leva sempre adiante.



Lobão recria a atmosfera de criação de suas canções com interpretação ao violão

SERVIÇO
LOBÃO - LUAL INDOOR
Blue Note Rio (Avenida Atlântica, 1910, Copacabana)
9/5, às 20h e 22h30
Ingressos esgotados

Murilo Alvesso/Divulgação

Uma voz à altura de Dalva

Alaíde Costa lança álbum-tributo com show no Rival Petrobras nesta sexta-feira



Por Affonso Nunes

Alaíde Costa lança nesta sexta-feira (9) “Uma Estrela Para Dalva”, em homenagem à cantora Dalva de Oliveira. O trabalho será apresentado no mesmo dia, às 19h30, no palco do Teatro Rival Petrobras. Produzido por Thiago Marques Luiz e lançado pela gravadora Deck, o disco celebra o legado de uma das maiores intérpretes da música brasileira com releituras de clássicos que marcaram época, agora revisitados por grandes nomes da cena contemporânea.

O primeiro single, “Há um Deus”, em dueto com o pianista Vitor Araújo, antecipa a densidade emocional e a delicadeza do repertório, que reúne canções eternizadas por Dalva. Conhecida como a “Rainha da Voz”, Dalva de Oliveira atravessou gerações com seu timbre

potente e interpretação visceral, tendo imortalizado sucessos como “Tudo Acabado”, “Errei Sim” e “Bandeira Branca”. Sua trajetória, iniciada nos anos 1930, alcançou reconhecimento internacional e incluiu apresentações marcantes, como a que fez na coroação da Rainha Elizabeth II, em Londres.

Alaíde reveste esse legado com arranjos sofisticados e participações especiais. Maria Bethânia divide os vocais em “Ave Maria no Morro” com o violonista João Camarero. Em “Sebastiana da Silva”, os arranjos são assinados por Roberto Menescal e Yuri Queiroga. Já Amaro Freitas aparece em duas faixas: “El Día Que Me Quieras” e “Bandeira Branca”.

Também participam do projeto músicos como Guinga, em “Bom Dia”, Antonio Adolfo, em “Errei Sim”, Cristóvão Bastos, em “Teus Ciúmes”, e André Mehmari, que imprime sua marca em “Fim

“*Dalva sempre foi uma grande inspiração para mim. Poder prestar essa homenagem é algo que carrego há muitos anos*”

Alaíde Costa

de Comédia”. Filó Machado e Léa Freire recriam “Segundo Andar”, enquanto Roberto Sion dá nova forma ao medley “Neste Mesmo Lugar/Tudo Acabado”. Outros destaques incluem Edson Cordeiro

e Gabriel Deodato em “A Grande Verdade”, Alexandre Vianna em “Segredo/Calúnia”, Gilson Peranzetta em “Distância”, José Miguel Wisnik em “Mentira de Amor” e Itamar Assiere em “Estrela do Mar”.

Segundo Alaíde, o projeto realiza um desejo antigo. “Dalva sempre foi uma grande inspiração para mim. Poder prestar essa homenagem é algo que carrego há muitos anos. É uma oportunidade de manter viva a história da música brasileira”, afirma. O produtor Thiago Marques Luiz, que acompanha a artista há duas décadas, reforça: “Este álbum é a forma mais bela de traduzir essa reverência. Reunimos uma equipe extraordinária, com músicos e intérpretes que trouxeram suas próprias emoções para cada faixa. É um presente para a nossa história musical”.

No segundo semestre de 2025, “Uma Estrela Para Dalva” será lan-

çado também em vinil, com uma seleção especial de 12 faixas, voltada para colecionadores e entusiastas do formato.

Alaíde Costa, aos 89 anos, é uma das vozes mais respeitadas da música brasileira. Desde a juventude, quando decidiu se apresentar no programa de calouros de Ary Barroso, sua trajetória foi marcada por escolhas artísticas firmes. Recusou-se a ceder a estereótipos e consolidou uma carreira pautada pela sofisticação musical. Seu primeiro disco foi lançado antes mesmo do marco da bossa nova, “Chega de Saudade” (1958), e sua obra dialoga com nomes como Johnny Alf, Tom Jobim, Vinícius de Moraes, Milton Nascimento e João Gilberto.

Mesmo diante das adversidades, Alaíde se manteve ativa, desafiando o esquecimento. Em 2020, foi premiada como Melhor Atriz Coadjuvante no Festival de Gramado. Em 2023, emocionou o público português em apresentação com a Orquestra de Jazz do Algarve e, meses depois, foi ovacionada no Carnegie Hall, em Nova Iorque, durante o concerto comemorativo dos 60 anos da Bossa Nova. No mesmo ano, recebeu o Troféu Raça Negra como melhor cantora.

Em 2024, lançou o álbum “Pérolas Negras” ao lado de Eliana Pittman e Zezé Motta, e, em seguida, o segundo volume da trilogia iniciada com “O que meus calos dizem sobre mim”, produzido por Emicida, Pupillo e Marcus Preto. Atualmente, está em turnê com quatro espetáculos distintos, reafirmando sua vitalidade artística e a relevância de seu repertório.

Ao homenagear Dalva de Oliveira, Alaíde Costa não apenas revisita um repertório histórico, como também inscreve sua própria assinatura nesse diálogo entre gerações. “Uma Estrela Para Dalva” é, ao mesmo tempo, um ato de memória e de afirmação — a prova de que algumas vozes jamais se apagam.

SERVIÇO

UMA ESTRELA PARA DALVA

Teatro Rival Petrobras (Rua Álvaro Alvim, 33 – Cinelândia)
9/5, às 19h30
Ingressos a partir de R\$ 42

Mais de meio século em canções

Lô Borges e Beto Guedes celebram 50 anos de estrada em turnê com shows solo e encontro inédito no palco

Por Affonso Nunes

Dois nomes centrais na história da MPB, Lô Borges e Beto Guedes comemoram juntos mais de 50 anos de trajetória com o espetáculo “Esquina e Canções”, que estreia neste sábado (10) no Qualistage. Em clima de celebração, os músicos mineiros revisitam marcos de suas carreiras e promovem um reencontro simbólico no palco, celebrando o legado do “Clube da Esquina” — o icônico álbum lançado em 1972 que segue influente no Brasil e no mundo.

Parceiros desde os tempos da juventude em Belo Horizonte, Lô e Beto foram pro-



Flávio Charchar/Divulgação

Sintonia: os mineiros Beto Guedes e Lô Borges já eram amigos mesmo antes do encontro musical com Milton Nascimento

tagonistas do movimento que renovou a música brasileira com harmonias ousadas, fusões de estilos e lirismo poético. No dis-

co “Clube da Esquina”, apontado recentemente por mais de 250 especialistas como o “melhor álbum da MPB de todos os tem-

pos”, Lô assina a coautoria ao lado de Milton Nascimento, enquanto Beto participou como músico em todas as faixas.

O espetáculo reúne os velhos amigos em apresentações individuais — com repertórios que incluem clássicos como “O trem azul”, “Paisagem da janela”, “Amor de índio” e “Sol de primavera” — e culmina em um momento especial: um dueto inédito ao fim do show, exclusivo para essa turnê comemorativa.

Lô Borges, que mantém uma produção constante de novos álbuns, lançou em agosto de 2024 o disco “Tobogã”. Sua discografia inclui marcos como “Lô Borges” (1972), conhecido pela capa com o tênis, “A Via Láctea” (1979) e “Nuvem Cigana” (1981). Já Beto Guedes é autor de obras fundamentais como “Á Página do Relâmpago Elétrico” (1977), “Amor de índio” (1978), “Sol de Primavera” (1979), “Contos da Lua Vaga” (1981) e “Alma de Borracha” (1986).

A apresentação de estreia marca o início de uma série de encontros pelo país, reafirmando a força da amizade, da canção e da história compartilhada por dois dos maiores artistas da música brasileira.

SERVIÇO

ESQUINA E CANÇÕES

Qualistage (Av. Ayrton Senna, 3000 - Barra da Tijuca)

10/5, às 21h30 (abertura dos portões às 19h30)

Ingressos a partir de R\$ 70

Encontro de amigos

MPB4 e Kleiton & Kledir celebram 40 anos de parceria em show no Rio com clássicos da música brasileira

Após percorrer diversas cidades com casa cheia, o espetáculo “MPB4 e Kleiton & Kledir” chega ao palco do Qualistage nesta sexta-feira (9). No show, os seis músicos dividem o palco para cantar sucessos de seus repertórios e relembrar histórias de turnês, discos e shows que marcaram mais de quatro décadas de amizade.

O espetáculo reúne canções emblemáticas da dupla gaúcha, como “Vira Virou”, “Deu Pra Ti”, “Paixão” e “Maria Fumaça”, além da recente “Paz e Amor”, gravada no ál-



Dalton Valério/Divulgação

Kleiton, Kledir e o MPB4 em show da turnê conjunta

bum “MPB4 60 anos”. Essas músicas se intercalam com clássicos do quarteto vocal, como “Roda Viva”, “Apesar de você”, “Amigo é pra

essas coisas” e “Cálice”, formando um panorama afetivo e vibrante da MPB.

A relação entre os dois grupos começou

em 1980, quando o MPB4 gravou “Vira Virou”, do recém-lançado primeiro LP de Kleiton & Kledir, transformando a faixa em sucesso nacional. A colaboração rendeu uma turnê conjunta por todo o Brasil, com teatros lotados e o início de uma convivência que ultrapassou os palcos. Desde então, parcerias musicais e discos em comum consolidaram uma amizade que atravessa gerações.

O reencontro agora vira espetáculo inédito. Com canções, causos e memórias compartilhadas, o show é uma celebração da música e da esperança — uma reunião afetiva entre amigos que seguem reinventando sua história junto ao público. (A.N.)

SERVIÇO

MPB4 E KLEITON & KLEDIR

Qualistage (Av. Ayrton Senna, 3000 - Barra da Tijuca)

9/5, às 21h30 (abertura dos portões às 19h30)

Ingressos a partir de R\$ 50

Uma obra-prima **revisitada**

André Fofano/Divulgação

Los Sebosos Postizos interpreta na íntegra o icônico álbum 'A Tábua de Esmeralda', de Jorge Ben Jor

Por Affonso Nunes

Em comemoração aos 50 anos do álbum "A Tábua de Esmeralda", Los Sebosos Postizos voltam ao palco do Circo Voador, no Rio, com um show dedicado ao clássico de Jorge Ben Jor. O grupo — formado por Jorge Du Peixe (vocal), Dengue (baixo) e Gustavo da Lua (percussão), com os músicos convidados Carlos Trilha (teclados) e Pedro Baby (guitarras) — apresenta o disco na íntegra nesta sexta-feira (9).

Lançado em 1974, "A Tábua de Esmeralda" é considerado o ponto alto da discografia de Jorge Ben Jor e marca o início da fase batizada de "alquimia musical". Entre as



Los Sebosos Postizos relembra o repertório impecável do mais festejado álbum de Jorge Ben Jor

faixas, estão composições como "Zumbi", "Errare Humanum Est" e "Os Alquimistas Estão Chegando os Alquimistas".

Em 2007, uma enquête promovida pela revista Rolling Stone Brasil elegeu este trabalho como o sexto melhor álbum da música brasileira.

Além das canções do icônico disco, o repertório do show inclui outras composições emblemáticas da obra do artista carioca. A apresentação dá sequência à bem-sucedida temporada iniciada no ano passado, quando o projeto foi exibido pela primeira vez no mesmo local, com casa cheia.

SERVIÇO

LOS SEBOSOS POSTIZOS | Turnê 50 anos 'A Tábua de Esmeralda'

Circo Voador (Rua dos Arcos, s/nº – Lapa)

9/5, às 22h (abertura dos portões às 20h) | R\$ 160 e R\$ 80 (meia)

ROTEIRO MUSICAL

POR AFFONSO NUNES

Divulgação



Reencontro

Após turnê bem-sucedida no México, Daniel Boaventura apresenta o show "Em Casa" no Vivo Rio neste domingo (10). Com repertório que mescla clássicos de Sinatra, Elvis e Barry White a sucessos próprios, o cantor promete noite de celebração e emoção. Conhecido por sua voz de barítono e presença cênica, Boaventura soma mais de 600 apresentações, o artista reencontra no Rio o público com novos arranjos.

Melina Furlan/Divulgação



O lado B do Rei

A cantora Tamy estreia o show "Tamy Canta Roberto – RoberTamy Carlos" nesta sexta (9), às 20h30, no Dolores Club. Capixaba como o rei, ela revisita sucessos e lados B de Roberto Carlos com afeto e personalidade, mesclando frescor e autenticidade. Giuliano Eriston assina os arranjos e integra a banda, que recebe Mariana Volker, Josiel Konrad e Roberta de Razão como convidados.

Divulgação



Sons de Cuba

O grupo Quimbará apresenta neste sábado (10), com shows às 20h e 22h30, um tributo ao Buena Vista Social Club, no palco Blue Note Rio. Especializado em ritmos caribenhos, o coletivo interpreta clássicos do cancionero cubano como "Chan Chan", "Dos Gardenias", "El Cuarto de Tula" e "De camino a la Vereda", eternizados no documentário dirigido por Wim Wenders. O show reúne oito músicos — brasileiros e cubanos.

Divulgação



Noite punk

O Circo Voador recebe neste sábado (10) a despedida dos palcos da banda britânica The Exploited. Em atividade há 46 anos sob o comando de Wattie Buchan (vocal), o grupo traz seu punk agressivo, que mistura riffs cortantes e letras contra guerras, corrupção e violência. A veterana Ratos de Porão abre os trabalhos com seu álbum "Necropolítica". Completam a noite The Chisel (UK), Fang (EUA), Escalpo e o DJ Chorão 3.

De volta ao primeiro compasso

Renato Mangolin/Divulgação

Orquestra Petrobras Sinfônica celebra 50 anos com 'O Messias', mesma obra que marcou sua estreia no ano de 1975

Por Affonso Nunes

Meio século depois de sua fundação, a Orquestra Petrobras Sinfônica reencontra suas origens em concerto especial nesta sexta e sábado (9 e 10) na Sala Cecília Meireles, o mesmo local da primeira apresentação. Em comemoração aos 50 anos de trajetória, o conjunto interpreta "O Messias", de Händel — a mesma obra escolhida para sua estreia em 1975, quando ainda se chamava Orquestra Pró-Música do Rio de Janeiro. Na época, o maestro Armando Prazeres conduzia o grupo estreante. Agora, quem assume o pódio é seu filho, Felipe Prazeres.

"Essa obra tem um significado profundo para a nossa história", afirma Felipe. "A orquestra nasceu de um trabalho coral, e meu pai regeu o Messias durante toda sua vida



Felipe Prazeres rege a Orquestra Petrobras Sinfônica, criada por seu pai

com inúmeros corais amadores." O retorno à composição de Händel não é apenas uma homenagem à fundação do grupo, mas também um gesto de continuidade e renovação — valores refletidos na própria música.

Entre os músicos que viveram essa jornada desde o início, está a violoncelista Atelisa de Salles. Presente no primeiro concerto da orquestra, ela destaca a emoção de revisitar esse repertório. "Penso no maestro

Armando quando vejo que aquele embrião de 12 pessoas em 1975 chegou aonde estamos hoje. A orquestra foi praticamente minha segunda casa. Fico imaginando o orgulho que Armando teria de ver a orquestra que ele tanto amou subir no palco para mais uma vez tocar uma obra que tantas vezes ele regeu", conta.

A temporada 2025 da orquestra marca oficialmente as comemorações do cinquentenário. Fundado por Armando Prazeres, o conjunto é reconhecido por sua gestão pioneira, conduzida pelos próprios músicos, o

que garante uma abordagem artística única. A orquestra é atualmente liderada por Isaac Karabtchevsky, diretor artístico que reforça a missão de democratizar o acesso à música de concerto e celebrar a diversidade musical.

SERVIÇO

ORQUESTRA PETROBRAS SINFÔNICA – 50 ANOS

Sala Cecília Meireles (Largo da Lapa, 47 – Centro) | 9 e 10/5, sexta (19h) e sábado (16h) | Ingressos: R\$ 40 e R\$ 20 (meia)

CRÍTICA / DISCO / KHLETXHAKA

União da brasilidade

Por Aquiles Rique Reis*

Hoje trataremos de um trabalho raro, o álbum "Khletxhaka" (produzido via edital de música do Programa Funarte Retomada 2023, do Ministério da Cultura). Obra que traz a musicalidade do povo Fulni-ô, uma das poucas comunidades indígenas do Nordeste do Brasil que ainda preserva a sua língua materna, aqui unida ao coletivo Ponto BR que reúne mestres da cultura popular.

Khletxhaka (que se lê klétiaká) significa cantar na língua materna dos Fulni-ô, o yaathe, que eles preservam como o sangue que os mantém prontos a lutar para sobreviver. Já o Ponto BR tem destaque na cena musical desde sempre e, principalmente, ao ganhar o Prêmio da Música Brasileira (Melhor Grupo Regional), em 2012.

Voltemos ao álbum. As composições afro-indígenas foram reveladas admiravelmente: a diversidade rítmica é o ponto alto ("Obaluaê/Luxtutwa", fx.7). Harmonias e melodias se destacam por suas criatividades

("Yaathelha Setesotwailha", fx.9). As notas mais graves pontuam cada arranjo — é empolgante ouvir a pegada do contrabaixo de Renata Amaral ("Setsô Fulni-ô", fx.1).

O naipe de percussões cria momentos em que a dinâmica ganha força ("Tombador/Yakhlethxatô", fx.5). Outro destaque são os cantos uníssono ou aberto em vozes, contagiantes, ora no canto yaathe, ora nos versos em português ("Woo Ihialha/Vamos Cirandar", fx.4).

A ancestralidade dos Fulni-ô, mesclada a cocos, cirandas, maracatus e carimbós do Ponto BR, representa a força descomunal que resiste pela sensibilidade e pela emoção com que nos toca a alma. Posso lhes afirmar que os ouvir em suas manifestações é algo que



Divulgação

nos traz esperança envolta em lágrimas. Ouça o álbum em <https://acesse.one/mgnY7>.

Ficha técnica

Povo Fulni-ô:

Txacumaiá Fulni-ô / Aritana Veríssimo; Tyase Fulni-ô / Yoran Veríssimo; Thulni

Fowá; Fulni-ô / Lenildo Marques; Fitxyá Fulni-ô / Francisco Ribeiro; Sawê Fulni-ô / Lenildo de Matos; Lefesaka Fulni-ô / Leone Lúcio de Sá; Fowá Fulni-ô / Jaelson Veríssimo; Taxiá Fulni-ô / Ramon Quintas. **Ponto BR:** Mestra Zezé Menezes, Mestre Walter França, Mestre Ribinha de Maracanã, Eder "O" Rocha (bateria), Henrique Menezes, Renata Amaral

e Thomas Rohrer (rabeca, sax soprano e ranckett). **Direção geral:** Renata Amaral e Tâmara Jacinto; **direção artística e musical:** Renata Amaral. **Produção artística (Povo Fulni-ô):** Txacumaiá Fulni-ô / Aritana Veríssimo. **Produção musical, mixagem e masterização:** André Magalhães. **Produção executiva:** Aline Fernandes e Tâmara Jacinto. **Gravação Estúdio 185:** André Magalhães e Beto Mendonça. **Instrumentistas (voz e percussão):** Mestra Zezé Menezes; Mestre Walter França; Mestre Ribinha de Maracanã; Henrique Menezes; Renata Amaral; Txacumaiá Fulni-ô, Tyase Fulni-ô, Thulni Fowá Fulni-ô, Fitxyá Fulni-ô, Sawê Fulni-ô, Lefesaka Fulni-ô, Fowá Fulni-ô, Taxiá Fulni-ô: voz e maracá. **Design gráfico e capa:** Andrea Pedro. **Realização:** Acervo Maracá e Onã Cultural. **Fotos:** Lela Beltrão. ***Vocalista do MPB4 e escritor**

CRÍTICA / TEATRO / VIRGINIA

Por Cláudia Chaves

Especial para o Correio da Manhã

Uma mulher em movimento

Cláudia Abreu criou e protagoniza o monólogo “Virginia”, inspirado na obra e na vida de Virginia Woolf.

A peça parte de um relato que mistura ficção e autobiografia, mergulhando na mente da escritora britânica e nos ciclos da existência, com destaque para a condição feminina.

Sob direção sensível de Amir Hadad, a encenação valoriza o corpo da atriz como extensão da palavra. Com movimentos marcantes e expressivos, Cláudia não apenas interpreta, mas incorpora Virginia, explorando emoções com força cênica e presença marcante no palco.

O figurino assinado por Marcelo Olinato é outro destaque essencial da encenação. Um longo branco, que evoca tanto os vestidos de verão do fim do século XIX quanto a espuma das ondas, acompanha com fluidez os movimentos da atriz. Mais do que um traje, o figurino é uma extensão do mar



Divulgação

*Cláudia Abreu
dança, gira,
se desfaz e se
recompõe em
cena*

interno de Virginia — ora calmo, ora revolto. É ao mesmo tempo histórico e simbólico, remetendo ao tempo da persona-

gem e à atemporalidade da luta feminina.

Sob a direção de movimento de Marcia Rubin, Cláudia dança, gira, se des-

faz e se recompõe em cena. O corpo se transforma em tradutor da loucura, da introspecção, da sensibilidade, do amor impossível por Vita Sackville-West e da complexa relação com o marido Leonard Woolf. Cada gesto é medido, cada pausa é densa — a cena pulsa com vida.

O texto de Cláudia Abreu, livremente inspirado na obra de Woolf, rompe com a linearidade e se aproxima da técnica do fluxo de consciência, criando uma narrativa viva e emocional. A peça percorre temas ainda profundamente atuais: o papel da mulher na criação artística, a luta por espaço intelectual, o peso das expectativas sociais, a solidão e os embates internos da identidade feminina. A atualidade de Virginia salta aos olhos — e toca fundo.

SERVIÇO VIRGINIA

Teatro Nelson Rodrigues (Av. República do Paraguai 230, Centro)
Até 11/5, sexta (19h), sábado e domingo (17h)
R\$ 30 (balcão) e R\$ 40 (plateia)

NA RIBALTA

POR CLÁUDIA CHAVES

O filho e o pai

Guilherme Logullo apresenta “Pa! - Solo Teatral”, nos dias 13 e 14, às 19h, na Sala Multiuso do Sesc Copacabana. A peça busca jogar luz sobre vivências paternas conturbadas, tendo como base as experiências vividas pelo próprio Logullo, e que agora, ganham novo rumo, abrindo diálogos e um caminho para o perdão. O diretor armeno, um dos atuais destaques e grande promessa da cena novaiorquina, Arthur Makaryan, foi convidado pelo ator para assumir a direção, após um mês de trabalho em conjunto na criação da peça.

Divulgação



Divulgação

O que é a família

Idealizada por Letícia Leão, que também assina a dramaturgia, e dirigida por Juliana França e Letícia, a peça infantil “Tem Bastante Espaço Aqui” desafia, com sensibilidade e leveza, as expectativas sobre a família. O espetáculo convida o público a refletir sobre o que significa ser família nos dias de hoje, em um mundo onde diferentes formas de afeto e convivência se entrelaçam. A peça é um desdobramento do filme independente “O Fundo dos Nossos Corações”, de Letícia Leão, com entrada franca no Centro Futuros – Arte e Tecnologia, no Flamengo.



Divulgação

Um musical do inferno

“Diva: Ao Vivo do Inferno! – o musical”, monólogo com Hugo Kerth faz temporada até domingo (11) no Teatro Cesgranrio. O espetáculo, que tem adaptação e idealização de Hugo Kerth, direção geral de Rubens Lima Jr., direção musical de Guilherme Borges e coreografias de Victor Maia, traz Hugo interpretando quatro personagens em uma produção com influências de filmes clássicos dos anos 50 como “Sunset Boulevard” e “A Malvada”. A história retrata a vida de Desmond Channing, um jovem ator que vê seu reinado nos palcos ameaçado pela recém chegada de um galã.

Vem
viver
mais.

Vem
viver
sesc RJ

+experiências
+cidadania
+diversão
+cultura
+educação
+saúde
+sabor
+inclusão
+diversidade

A maior marca de
bem-estar social do
Rio de Janeiro.

Sempre buscando promover
o desenvolvimento social e a
qualidade de vida, o Sesc RJ
oferece atividades e serviços
para você viver experiências
inesquecíveis com mais
diversão, cultura, esporte,
cidadania, educação e saúde.

VEM SABER +



sescrj.org.br

portalsescrj

sescrj

sescrj



Renato Mangolim/Divulgação

SHOW

ABC DO SAMBA

*Celebração musical a três grandes damas do samba - Alcione, Beth Carvalho e Clara Nunes - com as cantoras Keilla Regina, Lu Carvalho e Branka. Sex (9), às 20h, e sáb (10), às 16h. Teatro Bangu Shopping (Rua da Fonseca, 240 – Espaço 174). A partir de R\$ 50

ITO MELODIA

*Um dos mais celebrados intérpretes de samba-enredo do carnaval carioca comanda roda de samba com feijoada. Convidados especiais: Jorgynho Chinna e Moisés Santiago. Sáb (10), às 13h. Teatro Rival (Rua Álvaro Alvim 33, Cinelândia). A partir de R\$ 60

MUATO

*Consagrado como autor de premiadas trilhas sonoras para teatro, o cantor e compositor apresenta suas canções autorais. Abertura: King Saints. Sex (9), às 19h. Centro da Música Carioca Artur da Távola (Rua Conde de Bonfim 824 - Tijuca). Grátis

RONISON BORBA

*Acordeonista gaúcho apresenta repertório originalmente escrito para o instrumento no universo da música clássica, incluindo obras de importantes compositores da atualidade e do passado. Sex (9), às 19h. Espaço Cultural BNDES (Av. República do Chile, 100 - Centro). Grátis

COBRA VOCAL

*Sob a regência do maestro Marco Dantonio, 14 cantores apresentam arranjos vocais à capela que exaltam os imortais da música popular brasileira e os gênios internacionais. Dom (11), às 13h. Museu da República (Rua do Catete, 153). Grátis

MARCOS HASSELMANN

*O cantor passeia com liberdade pelos caminhos das improvisações jazzísticas com toques de brasilidade. Dom (11), às 19h. Blue Note Rio (Av. Atlântica, 1910 - Copacabana). A partir de R\$ 60

MÔNICA SALMASO

*A cantora interpreta pérolas do repertório de Elizeth Cardoso, a Divina. Até 27/5, sempre às terças, às 20h. Teatro Municipal Ipanema Rubens Corrêa (Rua Prudente de Moraes, 824). R\$ 80 e R\$ 40 (meia)



Breve

Um Rio de opções de lazer

Confira atrações culturais em todas as regiões da cidade

SUGESTÕES PARA SEXTOU@CORREIODAMANHA.NET.BR

Fábio Zambon/Divulgação



Breve

TEATRO

TOC TOC

*Nesta comédia francesa seis pessoas com diferentes tipos de TOC, aguardam atendimento num consultório, mas o médico não aparece. Até 30/6, sex (20h), sáb (18h e 20h) e dom (18h). Teatro dos 4 (Shopping da Gávea - Rua Marquês de São Vicente, 52). R\$ 140 e R\$ 70 (meia)

FÉRIAS

*Nesta comédia um casal celebra seus 25 anos de união e empreende uma jornada de redescoberta durante um cruzeiro marítimo. Com Fábio Assunção e Drica Moraes. Até 25/5, sáb (18h e 20h30) e dom (16h e 18h). Teatro Claro Mais (Rua Siqueira Campos, 143 - 2º Piso - Copacabana). A partir de R\$ 50

Divulgação



Ito Melodia

Chico Acioly/Divulgação



A Menina Dança

Chico Acioly/Divulgação



A Menina Dança

Roberto Dib/Divulgação



Água Fresca Para Flores

Divulgação



Cosmologias da Imagem

AGORA INÊS É MORTA

✱ Inês e Pedro lutam para estar juntos em meio a uma teia de intrigas, ódio e conflitos de interesses. Até 29/5, qui (20h). Teatro dos 4 (Rua Marquês de São Vicente, 52). R\$ 100 e R\$ 50 (meia)

ÁGUA FRESCA PARA AS FLORES

✱ Monólogo baseado na obra de Valérie Perrin. Até 28/5, ter e qua (20h). Teatro dos 4 (Rua Marquês de São Vicente, 52). R\$ 100 e R\$ 50 (meia)

DANÇA

BREVE

✱ Dançarinos desafiam o etarismo. Até 11/5, sex e sáb (20h) e dom (19h). Espaço Cultural Sérgio Porto (Rua Visc. Silva, s/nº - Humaitá). R\$ 40 e R\$20 (meia)

EXPOSIÇÃO

FAZER O AR

✱ A artista plástica mineira Iole de Freitas apresenta na cidade sua mais recente produção: 16 obras inéditas que exploram a interação existente entre volume e ar numa profusão de formatos. Até 11/5, de ter a dom (12h às 18h). Paço Imperial (Praça XV, 48 - Centro). Grátis

ÁGUAS DA AMAZÔNIA

✱ Com traços peculiares e pinceladas fortes, Ana Luiza Varella apresenta telas que exploram a pororoca, o encontro das águas dos rios amazônicos com o Oceano Atlântico. Até 30/5, seg a qui (13h às 19h) e sex (12h às 18h). Galeria IBEU (Rua Maria Angélica, 168 - Jardim Botânico). Grátis

FANTÁSTICO FEMININO

✱ A ceramista Rosana Pereira, do Vale do Jequitinhonha (MG), apresenta suas esculturas em barro de criaturas meio-gente meio-bicho em situações cotidianas. Até 18/5, ter a sex (10h às 18h), sáb, dom e fer 11h às 17h). Sala do Artista Popular (Rua do Catete, 179). Grátis

INFANTIL

DA JANELA

✱ A comovente e inspiradora história de quatro crianças com limitações físicas e que adotam práticas de inclusão para se comunicarem umas com as outras. Sessões com LIBRAS. Até 18/5, de qua a sex (15h e 18h), sáb e dom (16h). Teatro Adolpho Bloch (Rua do Russel, 804 - Glória). Entre R\$ 20 e R\$ 70

A MENINA DANÇA

✱ Através dos ritmos e danças africanas as crianças conhecem a história de Maria Felipa, personagem que se depara com 40 navios portugueses, prontos a tirar sua liberdade. Até 1/6, sáb e dom (11h). Teatro Municipal Domingos de Oliveira (Av. Padre Leonel Franca, 240 - Gávea). Grátis

RIANTE

✱ Experiência única voltada para o público infantil que mistura dança, circo, música e aprendizado de idiomas estrangeiros de forma lúdica e prazerosa. Sáb (10), às 15h. Sesc Duque de Caxias (Rua General Argolo, 47 - Centro). Grátis

SOLANINHO

✱ Uma viagem onírica ao passado regada pela produção poética do pernambucano Solano Trindade (1908-1974). Até 18/5, sáb e dom (16h). Sesc Tijuca (Rua Barão de Mesquita, nº 539). R\$ 20, R\$ 10 (meia), R\$ 5 (associado Sesc) e grátis (PCG)

AUDIOVISUAL

COSMOLOGIAS DA IMAGEM

✱ A mostra de cinema de realização indígena chega a seu último fim de semana com uma programação potente e plural de filmes que propõem uma experiência sensível, política e ancestral da arte cinematográfica, sob o olhar de cineastas indígenas de diversas etnias e regiões do Brasil. Até 11/5. Centro Cultural Banco do Brasil RJ (Rua Primeiro de Março, 66). Grátis



Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Enquanto o cinema brasileiro espera para ver “Deus Ainda É Brasileiro”, o canto de cisne ainda em finalização de Cacá Diegues (1940-2025), que nos deixou em fevereiro, o Festival de Cannes acolhe em sua seção Classics um documentário de Karen Harley e Lírío Ferreira sobre o diretor alagoano sob o título “Vigo Me Voy”. A maratona francesa, agendada de 13 a 24 de maio, presta um tributo ao realizador que fez do nosso povo o objeto de sua poética.

É um documentário que explora seu legado estruturado sobre a estrutura filosófica de atenção às urgências do país: “Fiz tudo o que eu pude para ser um cineasta de meu tempo, atento às dissonâncias e às belezas situacionais de nossa História, fazendo aquilo que podia interessar a mim e aos outros no momento em que filmo, em sintonia com os avanços tecnológicos do audiovisual e com as diferentes plataformas existentes. Nunca tive nenhuma nostalgia do passado, nem acalentei o desejo de enviar mensagens ao futuro. Sou um cineasta do presente e vivo o agora, esforçando-me ao máximo para transformar o que vejo em algo melhor, que nos convide à esperança”, disse o realizador, em uma de suas últimas entrevistas ao Correio da Manhã.

Há 50 anos, ele engatou a produção de seu maior êxito de bilheteria, “Xica da Silva”, que estreou em 1976, vendendo 3.183.582 ingressos. Ganhou os Candangos de Melhor Filme e Direção no Festival de Brasília à força de um debate sobre empoderamento feminino e luta decolonial, duas das marcas do cineasta e cronista. Marcas estas que Karen e Lírío (hoje em circuito com o thriller “Serra das Almas”)



Cacá Diegues no set de filmagens de ‘Deus Ainda é Brasileiro’

Cacá (para sempre) do Brasil

Documentário ‘Vigo Me Voy’ mata saudades do diretor que foi um dos intérpretes antropológicos do povo deste país levando seu legado ao festival que consagrou sua obra e suas ideias

exploram.

A trajetória artística de Cacá se amalgama com o histórico do Brasil na Croisette, onde foi jurado três vezes, avaliando longas (em 1981), curtas (em 2010) e os concorrentes ao troféu Caméra d’Or (2012). Sempre foi tratado como um misto de artesão da imagem e pensador, à força de sua escrita ensaística.

Esteve em Cannes pela primeira vez em 1964, na Semana da Crítica, com “Ganga Zumba”, seu longa de estreia. Sua passagem final pela seleção oficial do evento se deu

em 2018, com “O Grande Circo Místico”. No mesmo ano, foi eleito para a Academia Brasileira de Letras (ABL).

Concorreu três vezes à Palma de Ouro. A primeira vez foi em 1980, com “Bye Bye Brasil”, um clássico nacional visto por 1.488.812 pagantes e hoje disponível no Globoplay. O longa voltou a Cannes no ano passado, numa homenagem à produtora LC Barreto. Na trama, o sanfoneiro Ciço (Fábio Jr.) e a mulher, Dasdô (Zaira Zambelli), que está grávida, são

surpreendidos pelo encontro com a Caravana Rolidei, um circo sobre rodas. A companhia itinerante é formada pelo mágico Lorde Cigano (José Wilker), a dançarina Salomé (Betty Faria) e o Rei dos Músculos, Andorinha (Príncipe Nabor). Ciço, apaixonado por Salomé, decide acompanhá-los pelo país adentro, arrastando Dasdô, que tem seu parto feito de improviso por Cigano, recebendo uma bebezinha, Altamira.

Prestigiado ainda na Croisette pela Quinzena de Cineastas de

1978, onde exibiu “Chuvas de Verão”, Cacá concorreu às lúreas da Côte d’Azur em 1984, com “Quilombo”, e em 1987, com “Um Trem Para As Estrelas”. Em 2010, ele e sua companheira, Renata Almeida Magalhães, voltaram a Cannes, no dia em que ele completou 70 anos (19 de maio), para exibir “5x Favela: Agora Por Nós Mesmos”, que ele produziu.

Há três anos, em meio à Copa do Mundo de 2022, o Correio visitou os sets de filmagem de “Deus Ainda É Brasileiro”, em Alagoas, onde Cacá explicou o projeto, que continua as aventuras do Todo-Poderoso retratadas por ele numa comédia metafísica de 2003, vista por 1,6 milhão de espectadores. “Não se trata de uma comédia pura e simples, no sentido de fazer rir despropositadamente. Eu diria que este filme é uma comédia humanista, uma crônica do que está diante de nossos olhos e, ao mesmo tempo, que nos faz rir, nos indicando caminhos mais adequados nesse momento difícil do Brasil e da humanidade”, disse o realizador.

Num projeto 100% alagoano, Cacá repensa o existencialismo de Deus (Fagundes). O Divino não conta mais com o seu guia, Taoca (papel de Wagner Moura). Ele regressa à Terra no dia do velório do seu amigo, chegando ao planeta com o intuito de acabar com tudo, insatisfeito com os rumos da Humanidade. Passa até por uma reunião celestial para decidir o que será de nós. Mas ao matar as saudades da sua amiga Madá (Ivana Iza, atriz e documentarista de Alagoas que assume o papel outrora encarnado por Paloma Duarte) e conhecer a jovem Linda (Laila Vieira), o Criador começa a repensar seus afetos.

“Reencontrar Fagundes no set é sempre um prazer, pois ele é um ator que me dá espaço para debater a arte, o país. Ele é uma das únicas vozes desse elenco que não é de Alagoas. Tem ele, o Bruce Gomlevsky e o Otávio Müller, que têm grandes ligações com o teatro e são grandes atores. É um filme para entender que país a gente é hoje”, disse Cacá.

Cannes há de honrar sua relevância para a representação da América Latina nas telas.

Gabriel Moreira/Divulgação

ENTREVISTA / LEONARDO MARTINELLI, CINEASTA

'O carnaval é algo inconfundivelmente brasileiro'

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Vencedor da competição Pardi di Domani do Festival de Locarno com o musical “Fantasma Neon” (2021), o carioca da Zona Norte Leonardo Martinelli vai a Cannes agora, concorrer na Semana da Crítica. Exibe lá um poema em pílula que conta com o imortal da ABL e titã da MPB Gilberto Gil no elenco: “Samba Infinito”. Vai levar à França, terra natal de três de seus ídolos na direção (Jacques Demy, Claire Denis e Leos Carax), esse estudo metafísico sobre o carnaval, que tem Camila Pitanga em cena. Alexandre Amador é o protagonista dessa coprodução franco-brasileira, rodada com apoio da RioFilme, CNC e France Télévisions, que marca a estreia do jovem ator Miguel Leonardo. A trama desenrola-se durante a folia de Momo do Rio de Janeiro. Em paralelo à chuva de confete e serpentina, um gari enfrenta o luto pela perda da irmã enquanto cumpre as suas obrigações de trabalho. Em meio à alegria dos blocos de rua, ele encontra uma criança perdida e decide ajudá-la. O encontro deflagra fricções entre lembranças e imaginação. Aplaudido na Europa antes também com “Pássaro Memória”



Divulgação

(2023), ele explica a trilogia periférica que construiu e relembra suas elocubrações juvenis sobre a Croisette.

Qual é a primeira lembrança (cinéfila) que a palavra Cannes te desperta?

Leonardo Martinelli: Eu fiz o ensino médio em um colégio estadual técnico na Tijuca chamado NAVE. Era um lugar diferente: muita tecnologia e horário integral. Como havia um curso técnico em Roteiro (infelizmente já extinto) e muitos dos alunos eram cinéfilos como eu. Minha primeira lembrança de Cannes vem dessa época, aos quatorze anos, plena adolescência, quando eu e meus colegas discutíamos as escolhas da Palma de Ouro durante o intervalo. Parecia uma conversa de bar, mas com suco de maracujá e

cream cracker sem sal. Falávamos apaixonadamente sobre quais filmes achávamos que deveriam ter vencido a cada ano, julgando as decisões dos júris. Era um tema recorrente. Naquele tempo, eu começava a flertar com a ideia de fazer curtas. Vindo de uma família trabalhadora no Andaraí, era um sonho meio improvável. Por isso, mais de dez anos depois, poder estreitar um filme no Festival de Cannes é uma alegria imensa.

De que maneira “Samba Infinito” conversa com os teus curtas anteriores na construção de um olhar sobre a periferia?

“Fantasma Neon”, “Pássaro Memória” e “Samba Infinito”, meus três últimos filmes, formam uma espécie de trilogia musical sobre habitar a cidade. Interessa-me pensar como um mesmo espaço

público pode ser vivido de maneiras diversas: da beleza onírica à brutalidade excludente. Nesse sentido, ao considerar essas múltiplas possibilidades de experiência na mesma cidade, tornou-se inevitável imaginar personagens que habitam esses espaços a partir de olhares alternativos. Há um entregador de aplicativo em “Fantasma Neon”, uma mulher trans garçone em “Pássaro Memória” e um gari durante o carnaval em “Samba Infinito”. Os três filmes estabelecem um diálogo tanto estilístico quanto temático, refletindo sobre como o cinema de gênero pode acrescentar novas camadas de significado a esses espaços urbanos.

O Rio de Janeiro é um personagem de seus filmes. De que maneira esse coadjuvante se comporta na tela - e no real - e

que papel ele encarna agora?

O Rio de Janeiro é um lugar cheio de contradições e paradoxos, sempre presente nos meus filmes. Acredito que “Samba Infinito” captura um pequeno fragmento desse nosso mosaico, especialmente por meio dos contrastes simbólicos que exploramos ao imaginar como as pessoas habitam a cidade, seja por meio da fantasia ou do trabalho. A cultura brasileira sempre foi moldada pela mistura e hibridiz. Muitos de nossos hábitos e expressões emergem da vibrante colisão entre tradições indígenas, a cultura da diáspora africana e o legado da colonização europeia. O próprio samba nasceu dessa mistura, uma forma musical e de dança que funde a percussão africana com os instrumentos de sopro do jazz, entre outras influências. O Carnaval não é diferente, é uma mistura singular de influências de todo o mundo que se unem para criar algo inconfundivelmente brasileiro. Nesse curta, queríamos que a cidade encarnasse esse papel de contraste entre a fantasia e a labuta concomitantes no carnaval. Buscamos canalizar esse espírito, permitindo que todos esses elementos irrompam em uma história de perda e resiliência que só poderia acontecer na cidade do Rio de Janeiro.

O que significa dirigir Gilberto Gil numa ficção?

Sou apaixonado por música brasileira. Milton Nascimento, Tom Jobim, Gal Costa, Caetano Veloso, Tom Zé... tantos outros, e, claro, Gilberto Gil. Suas músicas acompanham a trilha sonora de toda a minha vida. O repertório de Gil abraça e revela um país cheio de contradições, belezas e dores. Tento articular algumas dessas mesmas sensações nos meus filmes; por isso, desde que escrevi o roteiro, sonhava em ver Gilberto Gil interpretando esse personagem. Dirigi-lo foi uma honra imensa, um verdadeiro sonho realizado. Sou profundamente grato por sua generosidade ao topar participar de um curta-metragem.

Divulgação



O Veu de Amani



Guri

Divulgação



Dela

Divulgação

Por Rodrigo Fonseca

Especial para o Correio da Manhã

Sábado à tarde o bairro do Caju vai virar um cinema a céu aberto, para integrar seus moradores (e visitantes) com a produção audiovisual mais audaciosa e lúdica que nossas vozes autorais têm levado às telas da nação. A ação é parte do projeto Curta na Praça, uma estratégia estética de ocupação de espaços pela arte. A farra cinéfila rola na Vila Olímpica Mané Garrincha (R. Carlos Seixas, s/n), com entrada 0800, grátis, com sessões às 18h30 e às 19h30. Cabem 300 pessoas a cada projeção, o que significa muito coração batendo junto a um só tempo.

O primeiro pacote de filmes reúne: “Lé Com Cré”, de Cassandra Reis (SP); “Os Causos Da Bisavó”, de Rosa Berardo (GO); “Dela”, de Bernard Attal (BA); e “O Celaticomus”, de Marcelo Tannure (MG). A sessão seguinte exhibe “Lily’s Hair”, de Raphael Augusto da Silva (GO); “O Veu De Amani”, de Renata Diniz (DF); “Guri”, de Adriano Monteiro (ES); e “O Homem Que Virou Meme”, de João Rabelo (SP). Tudo será regado a pipoca e refrigerante, para resgatar aquela tradição das matinês em salas de rua.

Realizado pela Associação Caminho da Cultura, com patrocínio do Ministério da Cultura, o projeto é idealizado e coordenado pela atriz Juliana Teixeira, e tem curadoria assinada por Isabel Veiga. A seleção de títulos em exibição debate preconceito, imigração, afirmação de identidade, diversidade e memória.

“A curadoria do Curta Na Praça é pensada para revelar um Brasil plural, diverso e em movimento”, explica Juliana. “Os filmes que escolhemos falam de infância, de sonhos, de ancestralidade, de racismo, de

O Caju é a maior diversão

Vila Olímpica Mané Garrincha, centro de integração cultural do bairro, sedia a nova edição do projeto Curta na Praça, que leva às telas um microcosmo do Brasil em forma de filmes

Divulgação



Lily's Hair

Divulgação



Lé com Cré

pertencimento, de superação e de afeto. Mostram o país que pulsa nas quebradas, nas pequenas cidades, nas famílias negras e periféricas. É um desenho do Brasil que não cabe em estereótipos: é sensível, crítico, lúdico e profundo. E mais do que isso, é um Brasil que se olha no espelho e convida o público a se ver.”

Segundo a produtora, o Curta na Praça é uma forma de mostrar o Brasil em toda a sua diversidade, nos seus diferentes sotaques, a partir de seus diversos recantos.

“O evento é uma janela potente para o imaginário especialmente em regiões periféricas onde o acesso ao cinema e o acesso cultural ainda é desigual”, diz Juliana. “Ao levarmos curtas para as praças e espaços públicos, estamos não só democratizando o audiovisual, mas também estimulando o pensamento. É nesse encontro com histórias curtas, porém intensas, que crianças, jovens e famílias inteiras passam a se reconhecer — ou a se confrontar com outras realidades e perspectivas. O Curta Na Praça tem esse poder de provocar e encantar. Em muitos casos, é o primeiro contato dessas comunidades com o cinema nacional contemporâneo — e esse contato tem a potência de transformar trajetórias”.

‘Difícil fazer piada sem ser massacrado’

Hélio De La Peña prefere o Cassetta & Planeta longe da TV: ‘Não temos vontade de retomar o programa. A situação é outra’

Por Leonardo Volpato (Folhapress)

Em 2025, completam-se 15 anos desde que o Cassetta & Planeta, Urgente! (1992-2010) deixou de ser exibido regularmente pela Globo. E, se depender dos antigos integrantes, o humorístico não voltará à tela. É o que diz Hélio de La Peña, que fez história na atração ao lado de Bussunda (1962-2006), Hubert Aranha, Cláudio Manoel, Beto Silva, Marcelo Madureira e Reinaldo Figueiredo.

“Não temos vontade de retomar o programa, a situação é outra”, diz, antes de explicar melhor seu ponto de vista. “O Cláudio Manoel tem uma boa definição: antes os caras eram eleitos por votos e hoje por devotos. Tem muita gente apaixonada pelos políticos de estimação, e é difícil fazer piadas com qualquer político sem ser massacrado”, analisa o comediante, que lembra que, entre os anos 1990 e 2000, muitos parlamentares - da esquerda e da direita - não se levavam tão a sério como agora. Entrevistas satíricas com políticos sempre foram uma marca registrada do Cassetta.

“Eles sabiam a hora de falar sério com um jornal e quando era hora de fazer graça. Hoje em dia fica mais complicado”, reforça o ator, que atualmente percorre o país com shows ao estilo stand-up comedy e cuida da gestão de uma biblioteca comunitária no Morro da Babilônia, em Copacabana.

Porém, se ele e os demais integrantes



Divulgação

“Nós conseguimos fazer humor de alto nível e popular. Éramos garotos de 20 e poucos anos, mas, agora, com 60 e muitos, fico mais instigado com meus trabalhos solo”

Hélio De La Peña

do grupo mudassem de ideia e resolvessem reatar os esquetes, Hélio diz que tudo seria adaptado para a atualidade. Segundo ele, é impossível pegar um quadro de

1990 e colocar no ar em 2025 sem mexer nem cortar falas. Os tempos mudaram.

“O humor é contemporâneo e teria de haver mudanças. Não faz sentido forçar a

barra de trazer uma piada daquele tempo para hoje e querer que funcione. As pessoas naquela época também não se comportavam como as de hoje.”

Para o ator, existe um sério problema no Brasil de “interpretação de texto e de compreensão do que se pode ou não falar”. Ele cita como exemplo uma fala do personagem Caco Antibes (Miguel Falcabella), do Sai de Baixo, que voltou a mandar Magda (Marisa Orth) “calar a boca” em esquete produzida para a festa de 60 anos da TV Globo, exibida no fim de abril.

“O Caco era um vilão, um mau-caráter que tinha esse bordão grosseiro. Na versão atual, Magda o corrigiu ao dizer que não se fala mais dessa forma, e ele respondeu que estava se desconstruindo. Não vejo motivo para amenizar o discurso do vilão, que sempre foi mau exemplo, como se fosse melhorar a sociedade. Esse é o tipo de confusão que acaba minando as chances de termos um humor tranquilo, leve e cuja mensagem todos entendam”, opina.

Na festa dos 60 anos da Globo, aliás, os telespectadores puderam exercitar a nostalgia. E, no caso do Cassetta, o público relembrou personagens como a Chicória Maria, interpretada por Hélio como uma homenagem cômica a Glória Maria (1949-2023).

Nem mesmo a saudade dos fãs faz com que ele tenha o desejo de produzir algo novo para a TV. “As características do entretenimento e da sociedade mudaram. Antes tínhamos uma TV para toda a família se reunir naquele mesmo horário. Hoje é cada um no seu canto vendo e se distraíndo com atrações sob medida para seu nicho”, avalia.

Hélio reconhece que o Cassetta & Planeta marcou uma geração, mas que não é possível “voltar no tempo”. O que foi feito está feito. “Nós conseguimos fazer humor de alto nível e popular, trazendo uma série de inovações, sem muitos bordões e com a cobertura do noticiário com piadas. Éramos garotos de 20 e poucos anos, mas, agora, com 60 e muitos, fico mais instigado com meus trabalhos solo”, afirma.



Por Olga de Mello

Especial para o Correio da Manhã

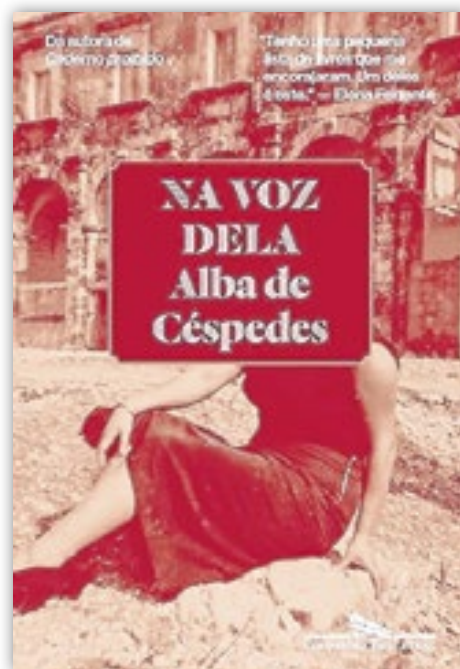
Segunda data de maior apelo comercial no Brasil, o Dia das Mães só perde em compras de presente para o Natal. Criada em 1914 nos Estados Unidos, chegou ao Brasil na Era Vargas, em 1932. Mal se passou uma década, e as mulheres que viveram a Segunda Guerra Mundial fortaleceram a contestação do destino de rainhas do lares. O reflexo sobre os papéis femininos contemporâneos na literatura oferece bons presentes para as mulheres, ainda responsáveis por tarefas que deveriam, há muito, ser divididas pela família.

Lançado em 1952, “Na voz dela” (Companhia das Letras, R\$ 99,90), de Alba de Céspedes, traz uma protagonista que não quer repetir o modelo de casamento dos pais ao tomar como marido um professor antifascista. Quase um esquerdomacho da atualidade, o marido é mais convencional do que Alessandra esperava, e ela tem dificuldade para se libertar da função reservada às mulheres – mãe, cuidadora e responsável pelas tarefas domésticas -, mesmo depois da queda do fascismo na Itália. “Eu preferia comer somente pão e azeite a ter de lavar pratos (...)”. Não é verdade que fazer essas coisas esteja na vocação das mulheres: elas as fazem quando é necessário e sobretudo para serem úteis e agradáveis aos homens (...)”, diz Alessandra, inconformada com as cobranças que as mulheres ainda hoje sofrem.

A carreira artística foi a maneira pela qual a consagrada atriz Rebecca Latte escapou das obrigações ‘femininas’. Ainda assim, precisa exibir uma beleza incompatível com seus mais de 50 anos, quando apenas o talento não garante sua empregabilidade em tempos de pandemia. “Querido babaca” (Fósforo,

Rainhas do lar e da porta para fora

CRÍTICA / LIVROS



R\$ 80), de Virginie Despentes, aborda o feminismo atual também pela ótica masculina, através de Oscar, um escritor que sofre cancelamento nas redes sociais por uma acusação de assédio sexual ocorrida dez anos antes. Conhecidos desde a juventude, os dois trocam e-mails ao longo do isolamento social, discutindo a opressão que regula o comportamento de vidas constantemente observadas.

Ao levar trechos de “Operação impensável” (Intrínseca, R\$ 53,90) a um podcast, alguns meses atrás, a escritora Vanessa Barbara



revelou publicamente o quanto o romance sobre o fim de um casamento era calado em sua realidade. Há dez anos, ela contava a traição do então marido, descoberta casualmente, junto com os relatos de amigos – todos escritores renomados. A confirmação de que a ficção tinha como base a experiência de Virgínia levou ao afastamento do ex-marido de suas funções em uma editora

e à retratação dos amigos intelectuais. O livro ganhou nova impressão e, à parte a motivação da autora, é um doloroso retrato do término de uma relação de confiança.

O amor à Romeu e Julieta se reproduz continuamente na literatura – e no cinema -, nem sempre com uma conclusão triste como a do casal original. “Se acaso numa curva” (Intrínseca, R\$ 79,90), de Francisca Libertad, é um daqueles romances para adolescentes que agrega leitores de qualquer faixa etária ao fixar sua ambientação nos rincões de marginais do Rio de Janeiro. Dora, menina de classe média alta, aos 15 anos, se apaixona pelo jovem Samurai, chefe do tráfico na favela da Zona Sul carioca próxima à casa da menina. Não é a única patricinha envolvida com traficantes, mas desfruta da condição de primeira-dama do morro, enquanto esconde sua vida amorosa da família e dos amigos do colégio, sabendo que o desfecho de sua história está fadado à tragédia – em reflexão que amadurece gradualmente, quando percebe o quanto sua própria segurança é frágil diante da guerra entre gangues e do tráfico com a polícia.

A relação delicadíssima entre empregador e empregada doméstica se sobrepõe à trama de “Limpa” (Fósforo, R\$ 71,90), de Alia Trabucco Zerán. Contratada para cuidar da casa e ‘ajudar’ a olhar a bebê recém-nascida de um casal rico, Estela se afeiçoa à criança. A narrativa se desvenda durante o depoimento de Estela à polícia depois que um crime ocorre na casa da família, trazendo o entendimento da empregada do quanto é explorada pelos patrões, mas sua opção pelo trabalho degradante, ainda que compensado pelo apego à menina.



Tomás Rangel/Divulgação

Casa Milá

Mimos e delícias para elas

Restaurantes, doces e eventos para celebrar com carinho, charme e sabor no Dia das Mães

Por Affonso Nunes

O Dia das Mães é daqueles momentos que pedem afeto à mesa — e o Rio de Janeiro está recheado de boas opções para celebrar com sabor, charme e alegria. Pensando nisso, o Correio da Manhã preparou um roteiro especial com menus caprichados, doces irresistíveis e eventos que combinam cultura e gastronomia. Seja no almoço de domingo, em um brunch ao ar livre ou em feiras populares cheias de afeto, não faltam bons motivos para brindar com quem mais importa.

RESTAURANTES COM MENUS ESPECIAIS

Origens - Almoço especial no domingo (11) com pratos orgânicos criados pela chef Ana Zambelli, música ao vivo e sorteio de brindes. Das 12h30 às 16h. Av. Evandro Lins e Silva, 600 – Hotel Radisson, Barra da Tijuca.

Casa Milá - Menu espanhol com croqueta de siri, linguini de palmito com camarões e torta basca, de

9 a 11/5. Rua Esteves Júnior, 28 – Laranjeiras.

Maguje - Pratos como raviolone de camarão ao molho trufado e sobremesas elaboradas em ambiente com vista para o Jockey Club. Rua Jardim Botânico, 1003

Puli Trattoria - Fettuccine com camarões e pizza de brie com geleia de damasco. Mães ganham taça de vinho. Rua Marquês de São Vicente, 52 – Gávea.



Divulgação

Chef Ana Zambelli



Divulgação

Feira das Yabás

Divulgação



Teva Deli

Restaurante Emile - Brunch com pratos assinados, espumante e vinhos à vontade em ambiente sofisticado. Av. Atlântica, 3804 – Hotel Emiliano, Copacabana.

Sheraton Grand Rio - Bene Buffet com frutos do mar, massas, sobremesas e mimo no Shine SPA. Av. Niemeyer, 121 – Leblon.

Adega Santiago - Combo com burrata, paella e churros. Mães ganham Clericot no domingo. Av. das Américas, 3900

– Shopping VillageMall, Barra da Tijuca.

DOCES E CESTAS GOURMET

Empório Farinha Pura - Cestas gourmet como o box Wine & Cheese e Doce Camélia. Rua Voluntários da Pátria, 446 – Humaitá.

Teva Deli - O domingo vai ser do-cinho para as mães que comemora-rem na casa. Além de um cardápio versátil — do café da manhã ao jan-tar —, todas ganham de presente um brownie com sorvete. A sobre-mesa, 100% vegetal, leva chocolate Maré com gotas de chocolate, calda Sattva, sorvete de baunilha e nozes pecan caramelizadas. Av. Nossa Se-nhora de Copacabana, 1334, Loja A – Copacabana.

Lecadô - Destaque para a torta mousse 3 chocolates com granu-lado gourmet. Diversas unidades – loja principal: Rua Conde de Bonfim, 740 – Tijuca.

Atelier dos Sabores - Clássicos como a Torta Alaska e mais de 20 sabores. Rua Barata Ribeiro, 476 – Copacabana.

EVENTOS GASTRONÔMICOS

Feira das Yabás - Gastronomia afro-brasileira, sam-ba com Marquinhos de Oswaldo Cruz e matriarcas da região. Do-mingo (12). Praça Paulo da Portela – Oswaldo Cruz. Grátis

Festival Vegannezando - Feira vegana, oficinas, música e palestras, no sábado e domingo (10 e 11). Parque Glória Maria – Rua Alm. Alexandrino, 974 – Santa Teresa.

Brunch Day Lajedo - Brun-ch especial ao ar livre, com buffet completo e atividades no jardim. Sábado (11), das 10h às 16h30. Estr. Roberto Burle Marx, 9.325 – Vargem Pequena.

Almoço no Castelo de Itaipava - Almoço com música ao vivo e espaço infantil, no domingo, das 12h às 16h. BR-040, Km 56 – Itai-pava, Petrópolis.



Quando cheguei aos 100 dias

Uma jornada imensa de contagem. Quantos dias mais ficaríamos no isolamento social-quarentena? Ninguém podia prever naquela altura. O fato que a missão – de fotografar o amanhecer diariamente naqueles tempos sombrios – se tornou perene.

Em, “101 dias em Bagdá”, livro escrito pela jornalista norueguesa Asne Seierstad

sobre sua estada no Iraque em 2003, antes e depois do conflito na ditadura de Saddam Hussein, temos:

“A primeira coisa que vi foi a luz. Penetrou-me pelas pálpebras, abriu caminho pelo sono com carícias e deslizou até o sonho. Não era como a luz da manhã que eu costumava ver, não era branca e fresca, mas sim dourada. Com os olhos entreabertos em frente a uma janela com grandes cortinas de tule... Estou em Bagdá!”, é assim que ela descreve a sua chegada à cidade.

Da mesma forma passei a enxergar o Rio. Havia algo “abafado” no ar naqueles dias de maio. Naquela altura, já estava há exatos 50 dias confinados, desde o decreto que assim o deter-

minou. Vinha fotografando esporadicamente os amanheceres, mas, ao perceber que os tons da paleta do Criador, uma espécie de Pantone celestial, havia sido ampliada, resolvi criar o ‘Projeto fotos da janela na quarentena’. O ar se encontrava mais límpido, a natureza, antes gritando por socorro, demonstrava toda sua exuberância, o som ensurdecido das máquinas movidas a querosene, gasolina e óleo diesel, deram lugar ao mavioso cantar dos pássaros.

Todos os dias havia o ensaio das fragatas, com muito açúcar e afeto, provavelmente pedindo bênção à íbis esculpida na montanha. Hoje, já apresentam seu espetáculo alado em outras paragens mais distantes.

Os dias foram passando, o ‘novo normal’

veio vagarosamente, diria até sorratamente, em busca do que é seu, dando lugar a um certo caos que, infelizmente, já estávamos acostumados. Triste, o mundo mudou para muito pior que já estava!

Mas, a paleta de cores excelsa, caetaneada, continua exibida. Capim-rosa-chá com detalhes em mel de cor ímpar.

Fotografo, fotografarei sempre. Começo a sessão diária clareado pela Clara Guerreira e um hino composto por Nelson Cavaquinho e Élcio Soares...

Cantarolo... “O Sol, há de brilhar mais uma vez/A luz, há de chegar aos corações/Do mal, será queimada a semente / O amor será eterno novamente”.

Para ler além da praça

Projeto promove a leitura em bibliotecas públicas e privadas do DF

Por Mayariane Castro

Entre os dias 7 de maio e 27 de junho, estudantes da rede pública e comunidades de Taguatinga, Santa Maria, Riacho Fundo e Brazlândia participam da terceira edição do projeto EducArte na Praça.

A iniciativa promove atividades culturais com foco na leitura e na literatura, em bibliotecas públicas e comunitárias dessas quatro regiões administrativas

Divulgação



Espectáculo teatral será apresentado no projeto

do Distrito Federal.

O projeto é coordenado pelas professoras Cléria Costa e Miriam Rocha, com realização da Casa de Cultura Telar e recursos provenientes de emenda

parlamentar do deputado federal Reginaldo Veras (PV-DF).

A proposta central é democratizar o acesso à cultura e valorizar a literatura como ferramenta formativa e de inclusão.

Teatro, música, poesia...

A programação conta com espetáculos cênico-literários, shows músico-literários, saraus, batalhas de poesia, contação de histórias e outras intervenções artísticas.

Estímulo ao livro como hábito

Maioria da população não leu sequer parte de um livro

Todas as atividades serão realizadas dentro de bibliotecas, buscando promover esses espaços como centros vivos de encontro, aprendizado e convivência. A ideia é incentivar a presença da comunidade nesses locais e contribuir para o fortalecimento das bibliotecas como polos de cultura e educação.

Cléria Costa afirma que a realização nas bibliotecas também tem como objetivo reforçar o papel desses espaços como

ambientes de acesso gratuito à informação. “As bibliotecas merecem ser mais valorizadas pela comunidade, que precisa reconhecer seu valor e ajudar a cuidar. Montamos uma programação com espetáculos, artistas, poetas e grupos renomados para contribuir no processo de dinamização desses espaços”, afirma.

Objetivos

As ações culturais previstas na programação do EducArte na Praça seguem o formato das



Alice Stefânia é uma das atrações

Divulgação

diferentes faixas etárias e perfis sociais, com ações que também incluem acessibilidade e sustentabilidade.

As intervenções artísticas foram pensadas para dialogar com o ambiente das bibliotecas, incentivando o uso desses espaços para além do estudo ou do empréstimo de livros.

Estímulos

Além das apresentações culturais, a iniciativa prevê o estímulo à participação ativa das comunidades locais por meio de oficinas, rodas de conversa e dinâmicas de interação. As ações são realizadas em conjunto com os profissionais das bibliotecas e as escolas públicas das regiões atendidas, buscando uma construção colaborativa das atividades.

A programação e a divulgação das atividades pode ser acompanhada pelas redes sociais do EducArte na Praça (@educartenapraça).

edições anteriores, quando o projeto também foi realizado em regiões administrativas do Distrito Federal. A proposta é transformar os espaços públicos em pontos de encontro artístico-educacionais, com foco na promoção da leitura.

Entre os objetivos do projeto estão o estímulo ao hábito da leitura, a valorização do livro e da

literatura como meios de fruição estética e identidade cultural, e a formação de repertórios artísticos em crianças, jovens e adultos. A realização de atividades culturais nos espaços das bibliotecas também busca fomentar a ocupação positiva desses locais.

A programação, que se estende até o fim de junho, foi estruturada para atender pessoas de

FESTIVAL

Funn Festival 2025

*O Funn Festival 2025 começa nesta sexta (9) no Parque da Cidade, em Brasília, com shows de Belo, Péricles e Pixote no palco principal. Já no dia seguinte, (10), o pop desembarca com força total. Luísa Sonza, uma das maiores estrelas da música brasileira, trará ao palco seu repertório recheado de sucessos. No domingo (11), o complexo Funn Family ganha uma programação para toda a família e ações em homenagem ao Dia das Mães. Como funcionará? Às 8h, os portões abrem; às 9h as crianças participam do café da manhã com princesas e heróis acompanhados do mascote oficial do Funn Festival, o urso Funfarrão. Os ingressos já estão à venda e podem ser adquiridos pelo site www.funnfestival.com.br.

Festival Regenera

*Nos dias 7 e 8 de junho, Brasília recebe o Festival Regenera, evento que propõe conectar pessoas, empresas e organizações em prol da regeneração socioambiental. Realizado na chácara Vila Marianna, no Lago Norte, o festival inclui feira de empreendedorismo sustentável, painéis temáticos, atividades terapêuticas e shows de Martinha do Coco, Índia Mãe da Lua e Alisson Sindeaux. Segundo Alisson, coordenador do projeto, a proposta é promover uma nova economia local, circular e de impacto positivo.

Festival Convoca 2025

*O Festival Convoca 2025 anuncia line-up completo com nomes locais e nacionais, destacando Galinha Preta, Depois do Inverno, Os Maltrapilhos e Guizão. A 5ª edição acontece nos dias 30 e 31 de maio, no Recanto das Emas, com dois palcos dedicados ao som pesado e à diversidade musical. Além dos shows, o evento oferece cineclube, exposição fotográfica, feira de expositores e espaço infantil. Entrada solidária mediante doação de 1kg de alimento.

TEATRO

Como é que pode? 10 anos

*Gabriel Louchard comemora 10 anos do espetáculo Como é que pode? com turnê nacional que estreia em Brasília, dia 17 de maio, no Teatro Unip. Com adaptação assinada por Louchard e Maurício Rizzo, o show mistura hu-



Péricles, Belo e Pixote estreiam o palco do Funn, nesta sexta-feira

Um DF de opções de lazer

POR: REYNALDO RODRIGUES / CORREIOCULTURALDF@GMAIL.COM



Brasília recebe o Festival Regenera

Confira atrações culturais em todas as regiões da cidade

mor, mágica e improviso, destacando situações cotidianas com novas piadas e números atualizados. A turnê passa por Goiânia, Cuiabá, Natal, Fortaleza, Maceió, Recife, Aracaju, Salvador e Belém até 31 de novembro. Gabriel, que já passou pelo Zorra Total e Vai que Cola, promete surpreender com seu estilo irreverente e versátil.

O que passa na cabeça dela?

*Bruna Louise retorna aos palcos com um show repleto de humor ácido e empoderamento. A comediante promete fazer a plateia gargalhar enquanto aborda temas como preconceitos e julgamentos, sem perder o tom crítico e divertido. Com improvisos e piadas afiadas, ela envolve o público e reflete sobre suas próprias derrotas e vitórias. Aconte-

Cleber Araujo



Teatro dos Bancários recebe Banda Patacori
Divulgação



Cia Teatral Néia e Nando em Rei da Savana
Alessandra Tolc



Como é que pode? 10 anos

ce no sábado (17) e domingo (18) no Viva Paleteria – Shopping Liberty Mall.

Rei da Savana

✱A Cia Teatral Néia e Nando apresenta O Rei da Savana em 10, 17 e 18 de maio, às 17h, no Teatro da Escola Parque, 308 Sul. O musical, inspirado no clássico infantil, conta a jornada de Simba, um leão que busca seu lugar no reino após a morte do pai. Ingressos no Sympla: R\$ 60 antecipados e R\$ 80 no dia. A classificação é livre.

PROJETO

Projeto Ecoritmo

✱O projeto Ecoritmo, idealizado pelo percussionista Fabrício Sobrera, oferece oficinas gratuitas de construção de ins-

trumentos com materiais recicláveis no Itapoã. Com apoio do FAC/DF, o curso inclui aulas de fabricação e musicalização, envolvendo 240 estudantes em três escolas da região. As oficinas, ministradas por Fabrício e Fernanda Vitória, utilizam latas, papelão e garrafas PET para criar pandeiros, ganzás e reco-reco. “Queremos transformar lixo em arte, promovendo sustentabilidade e inclusão social”, diz Sobrera. Mais informações no Instagram: @oficinasecoritmo.

Curso de cozinha

✱O Projeto Oportunidades: Emprego e Cidadania está com inscrições abertas para o curso gratuito de Técnicas Básicas para Cozinheiro, oferecido pelo SENAC DF. A data, horário e local das aulas serão definidos após o preenchi-

Gustavo Serrate



Agbelas retornam a DF com atividades
Divulgação



Exposição do carnavalesco Clóvis Bornay

mento das vagas. Os inscritos garantem prioridade no processo seletivo e serão informados assim que os dados forem confirmadas. Para mais informações, acesse: @senacdf.

Agbelas retornam ao DF

✱O coletivo Agbelas retorna a Brasília com oficinas e cortejos liderados por Giovanna Paglia. Após dois anos em Salvador, o grupo retoma suas atividades na Vila Planalto e em Ceilândia, explorando temas afrodiaspóricos e a memória de operários candangos. As oficinas gratuitas utilizam o agbê e outras tradições afro-brasileiras para promover inclusão social e consciência histórica. Em 10 de maio, o cortejo sairá do Cio das Artes em Ceilândia, e em 17 de maio, do CEF 01 da Vila Planalto. Ambos os eventos são gratuitos, com a participação de grupos artísticos locais.

SHOW

Só Pra Xamegar

✱O projeto Circula Cultura chega a Sobradinho I de 9 a 11 de maio, celebrando os 65 anos da cidade com entrada gratuita. No dia 11, a banda Só Pra Xamegar promete animar o público ao lado do Estádio Augustinho Lima, em Sobradinho, com um show cheio de forró, romantismo e sucessos dos seus 20 anos de carreira.

Banda Patacori

✱O Sindicato dos Bancários realiza o evento “Aboliu!?” no dia 13 de maio, com o show “Um Grito de Liberdade!” da Banda Patacori, refletindo sobre a luta contra a intolerância religiosa e a sub-representação de negros na sociedade. O evento destaca as culturas de matriz africana e inclui a gravação do álbum da banda e uma exposição artística. Serviço: 13 de maio, 20h, no Teatro dos Bancários.

EXPOSIÇÃO

Exposição de fantasias

✱Inspirados no legado de Clóvis Bornay, ícone do Carnaval brasileiro, o projeto “Quase Bornay” exhibe quatro fantasias criadas com materiais sustentáveis e promove uma leitura cênica. O evento acontece até o dia 3 de junho no Complexo Cultural Samambaia, com entrada gratuita, e inclui apresentações especiais.

Do barro para as Mães

Feira de Cerâmica Autoral apresenta obras artísticas que podem virar presente

Por Mayariane Castro

A Feira Itinerante de Cerâmica Autoral realiza sua 43ª edição no sábado (10), véspera do Dia das Mães, das 9h às 18h, na Daniel Briand Pâtissier e Chocolatier, na Asa Norte, em Brasília. A edição marca uma homenagem à data e reunirá 13 ceramistas locais com peças autorais produzidas em diferentes



técnicas e estilos. O evento é aberto ao público e contará com peças utilitárias e decorativas, como conjuntos de café, tigelas,

vasos e esculturas.

Criada em 2021 por um coletivo de artistas independentes, a feira promove o trabalho de

ceramistas em espaços gastronômicos de Brasília. A proposta da iniciativa é divulgar a produção artesanal, valorizar o comércio

Gastronomia francesa no cardápio

Daniel Briand oferece pratos como o confit de pato

As técnicas adotadas pelas ceramistas vão desde o uso do torno elétrico até o acordelado e o esgrafito, além da aplicação de esmaltes metálicos e formas orgânicas. Segundo a organização, as peças são feitas à mão, desde a modelagem até a queima em alta temperatura, e cada obra traz marcas do processo criativo individual. O objetivo do evento é oferecer ao público produtos com identidade artística e incentivar o consumo consciente por meio do artesanato local.

Além da exposição e venda das peças, o evento propõe uma experiência que integra arte e gastronomia. A proposta é criar um ambiente onde os visitantes possam apreciar a produção cerâmica enquanto degustam itens do cardápio da Daniel Briand, que inclui pratos como o confit de pato com batatas assadas e salada orgânica, além de doces e pães típicos da confeitaria francesa.

A Feira Itinerante de Cerâmica Autoral é realizada de for-



Também colares e outros ornamentos

ma independente, com edições organizadas em diferentes locais de Brasília. A cada edição, novos artistas são convidados a participar, promovendo a diversidade de técnicas, estéticas e histórias. A iniciativa também busca estimular o contato direto entre os produtores e o público consumidor, promovendo transparência no processo de produção e valo-

rização do trabalho artesanal.

Novidades

A organização destaca ainda o papel da feira na formação de público para a cerâmica autoral e no fortalecimento da cena artística local. Para os ceramistas envolvidos, o evento representa uma oportunidade de apresentar o resultado de seus ateliês, trocar

justo e aproximar o público dos processos de criação. Desde sua criação, a feira já recebeu mais de 40 ateliês em diferentes edições itinerantes.

A edição especial do mês de maio acontece na famosa confeitaria do francês Daniel Briand, localizada na CLN 104, Bloco A. O espaço é conhecido por seu cardápio e ambiente que remete às cafeterias tradicionais de Paris. Durante o evento, os visitantes poderão conhecer o trabalho dos ceramistas, conversar com os artistas sobre técnicas e processos de criação, e aproveitar o cardápio da cafeteria.

Participam da edição, entre outros, os ceramistas dos ateliês Andreia Akemi Cunha, Cris Martim, Lilian Saban, Rita Preto e Vania Amadeus. As peças apresentadas refletem diferentes abordagens.

experiências e ampliar o alcance de sua produção.

As redes sociais da Feira Itinerante de Cerâmica Autoral (@feiradeceramicaautorale) divulgam a programação completa, com informações sobre os artistas participantes, detalhes das peças e registros das edições anteriores. A entrada no evento é gratuita. A edição especial integra o calendário de atividades culturais da cidade no mês de maio, com foco em iniciativas que incentivam o consumo local e a valorização do trabalho manual. A feira reforça a presença da cerâmica autoral no circuito cultural de Brasília e amplia os espaços de divulgação para artistas independentes.

Para Ana Maria, estudante de literatura, o evento é muito especial e significativo. “A arte traz essa essência de eternizar um momento, uma pessoa, um sentimento. Esse evento traz isso consigo”.

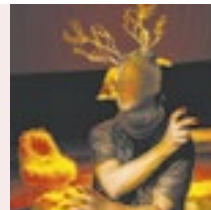
Funn Festival
começa com
Péricles e Belo

PÁGINAS 8 E 9



EducArte na
Praça chega a
quatro regiões

PÁGINA 7



Feira Itinerante de
Cerâmica Autoral
celebra as mães

PÁGINA 15



2º CADERNO

EDIÇÃO DE FIM DE SEMANA

A inquietude em voz e violão

Divulgação

Lobão leva ao BlueNote Rio a nova versão de seu 'Lual Indoor' em que apresenta versões de seus sucessos em formato acústico

Por Affonso Nunes

Inquieto por natureza, Lobão nunca se acomodou nas fórmulas que o consagraram. Depois da energia crua do "Lobão Power Trio", o artista retorna aos palcos com um formato mais introspectivo e acolhedor: o show "Luau Indoor", que chega em nova temporada em 2025. Só com voz e violão, ele costura nesta sexta-feira (9), às 20h e às 22h30, no Blue Note Rio, músicas e memórias num espetáculo que é, ao mesmo tempo, confissão, celebração e inventário artístico. E, ao que tudo indica, o artista deverá voltar à casa de shows de Copacabana em breve, já que os ingressos para esta noite se esgotaram rapidamente.

Mais do que interpretar seus sucessos, Lobão se dedica a revelar o que pulsa por trás de cada canção. Compartilha histórias, bastido-

res e sentimentos que atravessam sua trajetória, em um roteiro que alterna emoção, crítica e humor — marcas registradas de sua personalidade criativa. "Luau Indoor" propõe um encontro íntimo com o público, longe dos holofotes do rock elétrico e mais próximo das nuances do artista e de sua obra exatamente como é criada.

Canções como "Me Chama", "Vida Bandida", "Rádio Blá" e "Canos Silenciosos" reaparecem com nova intensidade, carregadas de contexto e significado. O repertório funciona como fio condutor de uma narrativa maior: a de um músico que atravessou gerações sem abrir mão da autenticidade.

No palco, o formato minimalista — apenas voz e violão — potencializa a experiência. Cada acorde e cada verso ganham peso específico, criando uma atmosfera de cumplicidade com a plateia. Lobão se mostra como é: provocador, sensível, contador de histórias e, sobretudo, artista em estado bruto.

Com mais de 40 anos de carreira, o cantor, compositor, multi-instrumentista e escritor permanece atento aos movimentos do mundo e disposto a se reinventar. Do rock independente à literatura, sua inquietação o leva sempre adiante.



Lobão recria a atmosfera de criação de suas canções com interpretação ao violão

SERVIÇO
LOBÃO - LUAL INDOOR

Blue Note
Rio (Avenida
Atlântica, 1910,
Copacabana)
9/5, às 20h e
22h30
Ingressos
esgotados